

CONGRESSO TURISMO CULTURAL, TERRITÓRIOS E IDENTIDADES
29 e 30 de Novembro de 2006
Aud. 1 e 2 da ESEL

Alvorecer do turismo cultural na primeira metade do séc. XX:
Afonso Lopes Vieira e a valorização do património da região de Leiria

Abstract:

Partindo da ideia pioneira de Raul Proença e do *Guia de Portugal*, Afonso Lopes Vieira participa no 2.º volume, de 1927, com artigos sobre Alcobaça, o Pinhal de Leiria e S. Pedro de Moel, naquilo que pode ser considerada uma moderna promoção cultural e ambiental da região de turismo do distrito de Leiria.

A partir dessa data, Lopes Vieira intervém na maior parte dos eventos culturais destinados a dar a conhecer, fortalecer e proteger as particularidades turísticas da zona territorial – por ele definida como “o coração de Portugal”. Este programa promocional acabaria por se consubstanciar na Casa do Distrito de Leiria, à qual presidiu entre 1938 e 1946, e cujas actividades tiveram o seu apogeu em 1943 com o *I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*.

Em Julho de 2005, abriu ao público a Casa-Museu Afonso Lopes Vieira, numa clara valorização do património material da região de Leiria, criando um novo itinerário turístico patrimonial na região.

A presente comunicação procura dar conta do trajecto pioneiro deste escritor no reconhecimento das potencialidades patrimoniais e turísticas da região de Leiria, reflectindo sobre o modo como tem sido aproveitado no Turismo Cultural da actualidade.

0. Considerações prévias

Persiste-se, há muito, em conversas, em livros, em jornais, mesmo nos discursos diplomáticos e nas arengas oficiais, emfim, nos compêndios das escolas, em chamar a Portugal *piqueno país*. Decididamente, não temos nunca o sentimento das proporções.

E ao passo que nos atacam megalomanias grotescas, descaímos nesta idiotia de chamar piqueno a um país que tem pelo menos oitenta milhões de almas. [...] O primeiro português que chamou a Portugal *piqueno país*, foi um perro traidor! E a traição achou o terreno mais propício num Portugal que é grande em possuir tantas almas piquenas.

Afonso Lopes Vieira, *Em demanda do Graal*, 1922: 296-7.

Se o Turismo, na sua complexa ligação com as actividades culturais, é hoje reconhecido como uma das actividades humanas mais importantes para o desenvolvimento sustentado das regiões e a preservação e manutenção do património material e imaterial e, ainda, a criação de um *capital cultural* projectado para o futuro, nem sempre o conceito de *turismo cultural* é aceite de uma forma pacífica.

Com origens muito remotas, a história do Turismo aponta o fim da II Guerra Mundial como marco do alargamento do turismo a toda a população, ao mesmo tempo que se afirma como actividade socio-económica de grande importância a nível internacional. Os últimos 50 anos são, assim, unanimemente considerados os anos de ouro do crescimento e desenvolvimento do Turismo. Várias são os motivos que terão contribuído para essa situação: “[...] redução do horário de trabalho e alargamento do direito às férias; maior rendimento disponível; desenvolvimento dos *pacotes turísticos* e outras formas organizadas de viagem [...]” (Gonçalves, 2003: 31). Embora o meu intuito não seja, de modo algum, dar um contributo para o historial do turismo cultural, área do conhecimento já desbravada por bibliografia da especialidade, a verdade é que a conjugação destes dois dados – aparecimento recente do conceito e ligação a uma melhoria generalizada das condições de vida e da formação dos indivíduos – tem uma importância enorme para o tema que decidi tratar, e por isso lhe dou este destaque inicial.

Afonso Lopes Vieira, nascido em Leiria em 1878 e falecido em Lisboa em 1946, é uma das figuras mais destacadas no âmbito cultural da região de Leiria e, seguramente, um dos pioneiros na tomada de consciência da importância do turismo na divulgação, conservação e dinamização do património cultural de Portugal, em geral, embora com especial focalização na região da Estremadura, por ele cognominada *o coração de Portugal*. No entanto, se isto é um facto em si mesmo, que procurarei descrever seguidamente, nem por isso nos autoriza a defender a ideia de que o turismo cultural

será a salvação futura de todo o património cultural. Em primeiro lugar, porque nem todo o turismo é cultural, e muitas das ofertas feitas na área utilizam técnicas de persuasão mais ou menos sofisticadas para *vender gato por lebre*. Não seria um tipo de turismo consumista, que apressada e ligeiramente oferece locais e valores culturais sem os digerir, que Lopes Vieira imaginava quando se referia às potencialidades turísticas da nossa zona.

Em segundo lugar, porque só alguma cultura deseja as actividades turísticas como sustentação para a cultura. Idealmente, pensar-se-á na imagem do *estado providência*, com capacidade para criar, gerir e sustentar, de acordo com os interesses de todos os cidadãos, os bens culturais. Provavelmente Lopes Vieira viveu num tempo em que este ideal era ainda possível e a sua realização sustentável. Com a falência deste modelo, somos hoje obrigados a repensar os meios de financiamento que sustentem as estratégias de dinamização cultural regional, ainda que os objectivos continuem a ser do interesse de todos os cidadãos. Este será assunto para a segunda etapa da minha reflexão, mais virada para o espaço museológico actual da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira, em S. Pedro de Moel, constituído como tal em Julho de 2005.

1. Afonso Lopes Vieira: a valorização do património da região de Leiria

A nossa província — que para mim continua a ser a Estremadura, — possui características próprias, feições suas, na tradição histórica, na paisagem, no feitio das suas populações, tão certo é que a variedade na unidade é o dominante elemento do nosso país. Na expressão histórica, a Estremadura tem a glória de guardar os três monumentos que resumem e definem a própria vida nacional — Alcobaça, Batalha, Tomar. Quanto a paisagem, creio que é a única extensão de terra europeia (o Baedeker inglês reconhece que Portugal é o país mais imprevisivelmente variado da Europa), onde se pode, em cerca de três horas de automóvel, partir da praia, atravessar a floresta, descer ao vale e subir às altitudes de montanha.

Afonso Lopes Vieira, "Passeio nas Minhas Terras"(1940), *Nova demanda do Graal*, 1942: 240-1.

Afonso Lopes Vieira fazia parte do número de viajantes incansáveis que calcorreavam Portugal de Norte a Sul, embora as suas preferências se centrassam à volta dos núcleos onde a sua vida ganhou uma significação especial. Como eclético homem de cultura, valorizou e defendeu o património cultural português, em momentos históricos de crise e dúvidas de afirmação identitária, contribuindo para o alvorecer do turismo cultural em Portugal. A ligação de Lopes Vieira a alguns intelectuais destacados, bem como a alguns locais de eleição, serviu esse propósito do paladino do *reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu*.

A Biblioteca Nacional de Lisboa, onde Leite de Vasconcelos serviu de ouvinte aos primeiros versos do jovem Afonso, foi um desses lugares de eleição, assiduamente frequentado e em proveitosa companhia. Passando uma larga fatia do seu tempo de trabalho na Biblioteca Nacional, compreende-se facilmente que Lopes Vieira se envolvesse com o grupo de intelectuais frequentadores desse espaço, conhecido por *Grupo da Biblioteca*. Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Jaime Cortesão, Raul Proença contam-se entre as personalidades com quem Lopes Vieira confraternizou e com os quais desenvolveu alguns dos seus projectos literários, culturais e patrimoniais, entre os quais se deve distinguir, pela sua importância e consistência no panorama cultural português do primeiro quartel do século XX, a revista *Lusitânia. Revista de estudos portugueses*, publicada entre Janeiro de 1924 e Outubro de 1927.

Muitos episódios interessantes para uma história da cultura portuguesa desenrolaram-se à volta deste grupo de intelectuais, mas importa destacar a ligação de Lopes Vieira a Raul Proença, funcionário da Biblioteca Nacional de 30 de Janeiro de 1911 a 15 de Fevereiro de 1927. Depois da demissão de Fidelino de Figueiredo da direcção, em Dezembro de 1918, Raul Proença ascendeu a chefe dos Serviços Técnicos, ficando Jaime Cortesão como Director. Seguiu-se um período de grande labor e desenvolvimento na Biblioteca Nacional, a que não são estranhas as inovações de carácter técnico e de reestruturação da casa levadas a cabo por Proença, norteadas pelo objectivo fundamental da *educação*.

Quando a ideia do *Guia de Portugal* começou a germinar, os colaboradores contavam-se entre os intelectuais cuja capacidade de trabalho e relacionamento com o mundo e a cultura Proença conhecia sobejamente, nomes cruciais da intelectualidade portuguesa do início do século XX, como os de Afonso Lopes Vieira, Aquilino Ribeiro, Brito Camacho, Carlos Selvagem, Hernâni Cidade, Jaime Cortesão, João de Magalhães Júnior, Nicolau Bettencourt, Raul Brandão, Raul Lino, Reinaldo dos Santos, Rodrigues Miguéis e Vieira Natividade, entre outros.

Lopes Vieira participa no *Guia de Portugal*, no 1.º vol., de 1924, com artigos sobre "Sintra, impressão geral" e "Penha Verde"; no 2.º vol., de 1927, com "Mosteiro de Alcobaça" e "Pinhal de Leiria e S. Pedro de Moel"; no 3.º Vol., de 1944, com "Impressão geral de Coimbra". Durante os anos em que a sua colaboração se efectua, desenvolve uma larga correspondência com Raul Proença, o grande responsável por esta edição notável, onde se podem ler as grandes hesitações de Lopes Vieira quanto à competência necessária para escrever alguns dos artigos, bem como uma interessante opinião sobre o valor literário da obra em questão, a que vaticinou o cognome de *Livro de Amor de Portugal* — o que nos permite aceitar a participação do escritor na obra como mais um contributo para o seu largo programa nacionalista. Aliás, é nessa qualidade que aparece acarinhado na dedicatória do 3.º vol. — "A Afonso Lopes Vieira

e a Raul Lino que a acompanharam desde os primeiros vagidos com o carinho desvelado de Artistas e de Portugueses" — e ainda que faz parte de uma lista, presente na 2.ª ed. do 3.º. vol., de *Entidades e pessoas a quem são devidos agradecimentos pelo concurso que, de algum modo, prestaram a este 3.º. vol. do 'Guia de Portugal'*, onde aparece referido nos seguintes termos: *Poeta Afonso Lopes Vieira, promotor devotado desta obra*¹.

Efectivamente, o artigo escrito por Lopes Vieira sobre *S. Pedro de Moel* devolve-nos a imagem de simbiose perfeita entre o autor-viajante e o espaço paradisíaco onde focalizou o seu olhar. Para ele, o *Guia* era a corporização prática dos ideais nacionalistas em que acreditava, pois permitia o reconhecimento dos lugares telúricos como afirmações de uma identidade e tradição cultural geograficamente enraizadas. Não se pense, porém, que o escritor sucumbe à veia poética — no artigo apenas aparece um excerto do poema "Pinhal do Rei", em nota de rodapé. Todas as informações procuram seguir um estilo objectivo, descritivo, pormenorizado e profusamente ilustrado, largamente documentado em fontes históricas portuguesas, tanto antigas como contemporâneas, como se pode perceber desde as primeiras linhas:

Da Marinha Grande a S. Pedro de Muel, pelo pinhal de Leiria (1).

Saindo da Marinha Grande, pelo S. da vila, encontra-se a estrada florestal (constr. em 1881), sempre bem conservada, que conduz a S. Pedro de Muel. À entr. da mata vê-se um dos seus postos fiscais (Guarda Nova). Os carris são do Decauville do serviço de exploração.

É neste *trajecto* que pode ter-se uma intensa visão do **Pinhal de Leiria**, o mais vasto maciço vegetal do País (17 Km. do compr. N.-S. por 5 de larg. E.-O-, sup. de 9315 hectares). Decerto anterior a D. Dinis, que teria regularizado e intensificado as sementeiras, o pinhal de Leiria é também um padrão de história, intimamente ligado ao ciclo dos Descobrimentos nacionais, como havendo fornecido a madeira dos navios. [...]

(1) Por Afonso Lopes Vieira in *Guia de Portugal, vol. II. Estremadura, Alentejo, Algarve*, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1927: 648.

Embora tivesse acalentado dúvidas sobre a sua própria capacidade de redigir artigos técnicos, como são necessariamente os destinados à literatura da especialidade geográfico-turística, Lopes Vieira demonstra nesse artigo um equilibrado esteio de viajante, complementado com uma rigorosa investigação e enriquecido com uma postura de moderno homem de acção sempre pronto a intervir pela defesa do património amado. Leia-se, com atenção, o aditamento que resolveu fazer acerca de um dos

¹ No estudo sobre a edição do *Guia de Portugal*, Luís Prista regista o grande empenho dos préstimos de Lopes Vieira, num comentário que se pode tomar como uma nota mais a juntar ao labor pela causa portuguesa: "O que é significativo, relativamente a outros colaboradores [...], é o entusiasmo com que Afonso Lopes Vieira se interessou pelo *Guia*, se envolveu nos trabalhos da série, discutiu os pressupostos teóricos com Proença, acompanhou as tarefas de edição com evidente prazer." (Prista, 1992: 143)

percursos descritos no Pinhal de Leiria, revelador de um posicionamento crítico perante os critérios usados pela própria administração daquela Mata Nacional:

(Já depois que estas linhas se achavam escritas, a estrada foi destruída na sua principal beleza pelos cortes. Todavia, teria sido bem natural e humano que o *ordenamento*, determinado há cerca de 50 anos pelo sábio silvicultor Barros Gomes, se houvesse modificado, por inteligente deliberação ulterior. Assim a burocracia de Lisboa vai reduzindo uma estrada, que era interessante na Europa, a uma triste charneca!) (*Guia de Portugal, II*, 1927: 650)

A postura crítica e defensiva de Lopes Vieira havia de fazer-se ouvir pelos anos fora, reflexo da mais global missão de guardião dos valores portugueses. É significativa a sua insistência em padronizar o espaço provinciano e patriótico pelo espaço mais alargado, o da Europa, numa inteligente clarividência do eclético homem de cultura capaz de situar os seus atávicos deslumbramentos pela paisagem onde nasceu na mais abrangente e objectivável dimensão da paisagem total. Como é significativo o relacionamento que manteve com os engenheiros silvicultores responsáveis pelos domínios do Pinhal de Leiria, numa clara declaração de interacção com a região e os valores patrimoniais. A relação de proximidade que manteve com o engenheiro Arala Pinto, director da Terceira Circunscrição Florestal da Marinha Grande de 1922 a 1957, não foi ainda devidamente estudada, mas não podemos deixar de lhe atribuir uma especial influência na redacção da monumental, fundamental e incontornável obra em dois tomos, intitulada *O Pinhal do Rei. Subsídios*, respectivamente de 1938 e 1939. Ao estilo de um memorial histórico do Pinhal, Arala Pinto escreveu na abertura do vol. I:

E ao penetrarmos, numa tarde amena, na "Catedral verde e sussurrante", onde o homem foi copiar as naves para os seus templos, como copiou dum pôr do sol resplandecente a Custódia, vejamos nós nos Pinheiros esguios e aprumados igualmente as naves dum templo natural, que foram cuidadas por florestais que a morte já ceifou e, caminhando para o ocidente, assistamos ao pôr do Sol e, durante o ocaso, e em meditação, como se fomos sintoístas e druidas, façamos perpassar pela nossa mente todos os percursos da arborização, desde o nome que a história registou até ao jornaleiro ignorado que lançou a semente à terra, ou procedeu à plantação duma árvore. (1938: 18)

O passado do Pinhal de Leiria aparece, assim, estilizado com a poesia de Lopes Vieira, numa naturalização da palavra poética que raramente terá tido efeitos tão pragmáticos como neste caso singular. Aliás, Arala Pinto escolhe um cliché fotográfico de Lopes Vieira — um belíssimo pôr do sol no mar de S. Pedro de Moel, enquadrado pelos pinheiros da mata — como fotografia de abertura do primeiro volume de *O Pinhal do Rei*, numa evidência do comum amor de dois homens pelo torrão marítimo florestal. Com uma moderna e aberta perspectiva sobre a administração do *seu* Pinhal, Arala Pinto sonhou alcançar o degrau estético, e empenhou-se energicamente em vários projectos artísticos capazes de fixar o Pinhal à dimensão artística.

Entre esses projectos, contou-se a realização gorada de um monumento (desenhado pelo Prof. Nery Capucho e com baixos relevos do escultor Luís Fernandes),

com o qual Lopes Vieira muito simpatizou e em cuja idealização os dois homens encontravam a comum raiz da arte enquanto glorificação e memória da natureza e do homem. Lopes Vieira não esqueceu este projecto e a ele se referiu na conferência de 1940, *Passeio nas Minhas Terras*, revelador da sua ligação afectiva à região, e onde não hesitou em se imiscuir nos pormenores menos poéticos do financiamento do monumento, nos seguintes termos:

A verba era muito modesta — 48 contos, porque nem o escultor Luís Fernandes, de Leiria, nem o professor Capucho, da Escola Industrial da Marinha Grande, tirariam qualquer lucro deste projecto. É realmente pena que tal monumento fique entregue às iniciativas particulares, tão custosas nesta época, porque nenhum ambiente seria mais propício, nem exalaria maior evocação do que este que fora escolhido, e onde aquele verso do trovador real, — *Ai flores, ai flores do verde pinho*, teria encontrado a mais bela e histórica atmosfera. (*Nova demanda do Graal*, 1942: 244-5)

Actual continua a proposta, agora que os soberanos Dinis e Isabel têm já a sua modesta estátua de homenagem à entrada de S. Pedro de Moel. O confronto entre o monumento existente e o projectado chega para dar ao leitor de hoje a noção da enorme resistência com que sistematicamente os projectos artísticos contam, e serve como reflexão para os custos da obliteração da memória histórica na constituição de um património nacional. A incursão de Lopes Vieira no *Guia de Portugal*, ou a simpatia que nutriu por outros projectos e trabalhos onde o *amor de Portugal* se manifestava, pautou-se, assim, por muito mais do que uma simples colaboração. Através das participações do escritor podemos encontrar o homem de acção no seu melhor em prol de um moderno civismo e ambientalismo que se estende da paisagem aos monumentos evocativos, passando pela comunhão criativa com os seus habitantes. Vale a pena ler a seguinte intervenção cívica de Lopes Vieira, no já citado *Passeio nas Minhas Terras*:

Eu sinto verdadeiro gosto em lembrar isto: as terras do Pinhal do Rei são tão honradas que não há nelas memória de um assalto. E, se um dia o houver, podemos ter a certeza de que foi feito por gente estranha à região. Há alguns anos o distinto engenheiro Arala Pinto, director da circunscrição florestal, promoveu um arraial público no parque pombalino do Engenho, com fins de filantropia. Estiveram ali, em noites sucessivas, milhares de pessoas — e não houve uma desordem, uma frase mal soante, um arbusto quebrado. Ainda hoje os portões do parque do Engenho, que levam às residências dos funcionários superiores, ficam abertos de noite, sem que um facto desagradável se haja produzido. É certo que o engenheiro Arala Pinto é simpático à população, o que demonstra mais uma vez — e ainda bem! — que é precário entre nós comandar sem se ser estimado. (*idem*: 251-2)

Neste pontuais momentos de inteligente intervenção cívica a favor da *sua* terra, Lopes Vieira revelou-se continuamente um cidadão do mundo, consciente da importância da defesa e divulgação do nosso rico património cultural: uma paisagem; uma árvore; um monumento; uma casa; a língua.

Muito provavelmente, esta consciência, cada vez mais agudizada, da necessidade de uma instituição que velasse pelos interesses da região de Leiria terá estado na origem

da *Casa do Distrito de Leiria*. Foi eleito 1.º Presidente da Assembleia Geral, em 11 de Dezembro de 1938, presidência mantida até à sua morte, em Janeiro de 1946. Durante os sete derradeiros anos de vida, o escritor dedicou grande parte do seu labor à implementação do projecto cultural dessa *Casa*, sublinhando assim, simbólica e pragmaticamente, a constante e nunca interrompida ligação à *sua terra* de afectos.

De 23 a 26 de Setembro de 1943, realizou-se o *I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*, tendo-se publicado em 1944 o livro de actas, subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, onde Lopes Vieira representou o distrito com duas intervenções intituladas *O Monumento de Francisco Rodrigues Lobo* e *Lápida Camoneana* (1944: 38-40). Em ambas defende a digna representação cultural do distrito de Leiria, apoiando-se em dois importantes referentes da cultura clássica — Francisco Rodrigues Lobo, enquanto maior poeta leiriense, merecedor de um monumento em Leiria capaz de evidenciar e memorizar a tradição literária da cidade, e Luís de Camões, enquanto arauto do orgulho nacional, cujos elogios toponómicos deveriam ser perpetuados na memória do povo através de lápides com transcrições de excertos de *Os Lusíadas*.

Em 1943, a dívida sentimental para com Rodrigues Lobo, estava apenas meia paga, já que tinha sido tomada a decisão de colocar a estátua do Lereno, da autoria de Anjos Teixeira Filho, parte do monumento a Rodrigues Lobo, no jardim da cidade, de costas para o rio, e Lopes Vieira, no seu discurso, lamentava ver Rodrigues Lobo "desterrado a contemplar a fachada de um Banco!" (1944: 39), e terminava fazendo a seguinte proposta: "[...] que o monumento de Francisco Rodrigues Lobo seja mudado para local escolhido por uma comissão, da qual fariam parte, além dos autores do monumento, os srs. Narciso Costa e Horácio Eliseu" (*ibidem*). Esta proposta não vingou, e só em 22 de Maio de 1973 a cidade pagou honradamente a dívida, com a estátua de Mestre Joaquim Correia, na Praça Rodrigues Lobo, embora a sua colocação também tenha suscitado acesa polémica e a estátua tenha posteriormente sido mudada de sítio.

Como esta breve retrospectiva mostra, as actividades culturais da *Casa do Distrito de Leiria* foram poderosos instrumentos de divulgação e testemunho de um património cultural específico, não só porque pretenderam devolver ao público uma imagem positiva e dignificada do passado histórico da região, mas também porque tentaram criar uma projecção crítica para o futuro cultural do distrito, projecção essa que passou, em grande medida, pelo lugar cimeiro atribuído a Lopes Vieira como maior poeta leiriense da sua época.

De defensor da *sua terra*², Afonso Lopes Vieira passava, inevitavelmente, à figura de padroeiro cultural da região de Leiria, com um virtual potencial turístico-cultural bastante elevado. Pioneiro do alvorecer de uma certa ideia de turismo cultural, na primeira metade do século XX, quando essas ideias germinavam entre um reduzido número de intelectuais, o património material e imaterial de Afonso Lopes Vieira virá a tornar-se, neste início do século XXI, numa das principais atracções turístico-culturais da região.

2. A Casa-Museu Afonso Lopes Vieira: pensar o futuro dum *lugar literário*

S. Pedro de Moel está destinado a um futuro excepcional como estância de higiene, digamos *espiritual*; é a praia sem vento, ao abrigo das dunas mais altas da Europa (a da Aguieira é até a mais alta), biombos vegetais de mais de 100m de altitude que criam junto ao mar uma atmosfera *extática*, perfumada de sais marinhos e resinas aromáticas, como na região celeberrima de Arcachon, aliás de dunas mais baixas. [...] São muitos os meus versos enleados às terras marinhas de Moel, a começar pelos que desenvolvem o tema do *verde pinho*, cantado belamente por Dom Denis, e que eu tive a honra de fazer conhecer pela primeira vez ao nosso público; e, entre eles, a composição dominante intitula-se precisamente *Pinhal do Rei*, nos quais busquei exprimir o destino atlântico da floresta iniciadora e, com o dela, o da própria terra de Portugal.

Afonso Lopes Vieira, "Passeio nas Minhas Terras"(1940), *Nova demanda do Graal*, 1942: 245 e 248-9.

A abertura da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira [ALV] ao público, em 8 de Julho de 2005, correspondeu à realização de um sonho muito antigo por parte de toda a população do concelho da Marinha Grande.

Em 1939, Lopes Vieira tinha tornado pública a sua decisão de legar a sua Casa de S. Pedro de Moel para sanatório dos filhos dos trabalhadores das Matas Nacionais, Bombeiros, Pescadores e Operários Vidreiros da Marinha Grande, e a sua Biblioteca à cidade de Leiria (in *Diário de Lisboa*, 15 de Abril de 1939). Logo em 1940 a população da Marinha Grande prestou uma homenagem ao Poeta, sob a forma de uma procissão de crianças, agradecendo este legado. O Poeta viria a falecer em 25 de Janeiro de 1946, e a consumação do testamento só seria válida após a morte de sua esposa, D. Helena de Aboim Lopes Vieira. No entanto, por vontade expressa desta, iniciam-se imediatamente as diligências para transformar alguns anexos da casa em Colónia Balnear, tendo o arquitecto e amigo de longa data, Raul Lino, delineado um projecto de adaptação em conformidade com o traço arquitectónico original da casa, no seguimento da capela (que tinha sido inaugurada em 12 de Agosto de 1929). Assim, e após alguns episódios,

² Não esquecemos as suas campanhas a favor de Alcobaça, Batalha, Tomar ou mesmo o famoso “Arco de Almedina”, em Coimbra. Mas pretendemos dar especial ênfase às temáticas relativas à região de Leiria.

interessantes e mais ou menos caricatos, quanto ao financiamento das obras, no dia 1 de Agosto de 1949 inaugurava-se a Colónia Balnear Dr. Afonso Lopes Vieira, na casa de S. Pedro de Moel. Por vontade expressa da viúva, a casa não voltou mais a ser habitada à sua morte, em 12 de Agosto de 1955, altura a partir da qual a Casa passa a estar à disposição do visitante, embora sem nunca ter tido o estatuto de museu.

Seguiu-se um período mais ou menos obscuro, não documentado nos dados do Arquivo Municipal, com uma história por escrever, e só parcialmente recuperável através da memória de algumas pessoas ainda vivas, designadamente Mestre Joaquim Correia, a Sr.^a D. Helena Barradas e a Sr.^a Helena, funcionária da Câmara Municipal da Marinha Grande e guardiã da Casa durante as últimas décadas. Nunca existiu um horário rígido de visita, e a Casa era esporadicamente visitada por quem manifestava intenção de o fazer, apenas durante a época balnear, período durante o qual a Colónia Balnear se encontrava em funcionamento. Pelo alto nível cultural alcançado e também pelo contributo para a divulgação turística da região, devem destacar-se os dois *Festivais de São Pedro de Moel*, de 1961 e 1966, organizados por Mestre Joaquim Correia e exemplo vivo de revivificação do património cultural, na esteira do bom gosto e do amor pela causa artística do próprio Lopes Vieira³.

Após a revolução de 25 de Abril de 1974, a Casa terá sofrido algumas delapidações (muito menos do que se pensava, a julgar pela recuperação quase total que se conseguiu em 2005) e acabou por ser fechada ao público por manifesta incapacidade de controlo do recheio e por degradação acentuada do imóvel. Aliás, já entrado o século XXI, a própria Colónia Balnear deixa de receber crianças durante alguns anos, enquanto as obras de restauro não garantem a segurança do local. A população da Marinha Grande nunca aceitou de bom grado esta situação, pois se sentia a legítima herdeira de uma Casa legada pela mão amiga do Poeta.

No entanto, a figura do escritor Afonso Lopes Vieira, muito esquecida depois de 1974 e só episodicamente lembrada por personalidades importantes da vida pública portuguesa (cf. Nobre, 2005, vol. I), não tinha sido completamente abandonada e algumas iniciativas – culturais, académicas e turísticas – contribuíram para a devolver à actualidade. Em 2003, sob a égide do programa “Rota dos escritores do século XX”, projecto de dinamização e intervenção cultural e social concebido e desenvolvido pela Comissão de Coordenação da Região Centro, ligado na sua primeira fase aos eventos

³ Para uma descrição mais precisa destes dois Festivais, bem como de outras iniciativas de homenagem e memória de Afonso Lopes Vieira, ver Nobre, 2003: 187-196.

comemorativos de *Coimbra, Capital Nacional da Cultura*, organizou-se e criou-se uma exposição itinerante sobre Afonso Lopes Vieira⁴, e editou-se a monografia de Cristina Nobre *Passeio sentimental de Afonso Lopes Vieira* (2003). A Casa-Museu Dr. João Soares, nas Cortes, comemorou os 125 anos do nascimento do seu patrono, organizando duas exposições – uma sobre aspectos da intimidade (Junho de 2003) e outra sobre a obra publicada (Outubro de 2003) – à volta de Afonso Lopes Vieira, nascido no mesmo ano do conterrâneo homem de leis. Este conjunto de actividades e produtos culturais despertou e alargou o interesse da comunidade pelo património material e imaterial referenciado.

O interesse e a curiosidade cultural do público por um espaço com tantas potencialidades museológicas como a casa-barco, mas fechado – embora tivesse sido já sujeito a uma primeira fase de restauro das infra-estruturas básicas, nomeadamente o telhado – fez com que, no Verão de 2004, a Câmara acedesse a vários apelos e se arriscasse à abertura do espaço da Casa apenas com a mostra dos 16 painéis constitutivos da Exposição itinerante da “Rota dos escritores do século XX”, cedidos pela Câmara Municipal de Leiria. Com esta aproximação primitiva e rudimentar, deu-se, provavelmente, um dos primeiros passos para a consolidação e germinação de uma estrutura museológica a queurgia dar vida. Também o folheto do “Roteiro Cultural” da responsabilidade da Região de Turismo Leiria-Fátima, *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira* (2004), com textos de Cristina Nobre, pode ter contribuído para criar uma espécie de apetência cultural pelo usufruto público de um *lugar literário*, cada vez mais relacionado com uma atracção turística destacada⁵.

Com as obras de restauro e conservação da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira concluídas em 2005, estabelece-se um novo marco na história deste património material, pois se inicia um período de abertura ao usufruto cultural de um bem patrimonial que, por razões diversas, tinha estado vedado ao público. As hipóteses múltiplas de participar em e contribuir para um desenvolvimento cultural sustentado da

⁴ Exposta na sala de exposições temporárias da Biblioteca Municipal de Leiria Dr. ALV, entre 26 de Janeiro de 2003 e 16 de Fevereiro de 2003, com circulação pelos outros seis municípios implicados neste programa cultural com os escritores: Aquilino Ribeiro; Carlos de Oliveira; Eugénio de Andrade; Fernando Namora; Miguel Torga e Vergílio Ferreira.

⁵ Não quero de modo algum menosprezar o papel dos meios de comunicação social neste movimento de enfoque na Casa de ALV, em S. Pedro de Moel, como um apetecível lugar com potencialidades de ligação ao turismo cultural. Várias entrevistas feitas a Cristina Nobre e artigos sobre a Casa foram publicados na imprensa periódica distrital durante os anos de 2000 a 2005. Devo destacar, pela sua importância cultural, o programa televisivo “Acontece” (RTP2), que transmitiu uma edição especial em 18 de Julho de 2000, sobre a Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira, com sugestivas imagens sobre a Casa e o abandono em que então se encontrava.

região são facilmente identificáveis e a atracção do turismo cultural por este tipo de *lugares literários* tem sido muito estudada nos últimos anos.

Se exceptuarmos o rei D. Dinis (1261-1325), culturalmente ligado ao *Pinhal de Leiria* ou *Pinhal d'el-rei D. Dinis* (como a tradição popular prefere chamar-lhe), ou Francisco Rodrigues Lobo (1573?-1622) (cf. André, 1995: 17-38), só a figura de Afonso Lopes Vieira alcançará dimensão nacional e europeia e se constituirá como motivo de orgulho e afirmação cultural da região leiriense, onde nasceu em 26 de Janeiro de 1878, e onde passou algum do seu tempo mais produtivo em termos artísticos. Assim, a recuperação da casa-nau ou casa-barco (presente de casamento do pai de Afonso Lopes Vieira com D. Helena de Aboim, em Abril de 1902), como o escritor a baptizou, aparecia como o *lugar literário* por excelência, onde uma grande parte das suas obras foram sonhadas, pensadas, esboçadas, delineadas, escritas e reescritas até à publicação, com cuja edição nunca ficava satisfeito. Entendida como local de criação preferido do escritor, organismo quase-vivo de cuja pulsação o escritor necessitava para criar e até para dormir sem sobressaltos⁶, o coração da casa ficará ligado à varanda aberta sobre a praia e o oceano. Aí, mais propriamente no divã *tumular* (assim lhe chamava o Poeta), terá encontrado o ambiente inspirador para a sua poesia, sobretudo a de raiz marítima, aquela em que o mar pulsou no ritmo do seu sangue.

Um grande número de personalidades ilustres da época foram visita desta casa e chegaram mesmo a refugiar-se nela para as suas criações pessoais. Nomes como os de Leonor e Augusto de Castro Guedes Rosa, Virgínia Vitorino, Matilde Bensaúde, Aquilino Ribeiro, Vitorino Nemésio, Viana da Mota, Reinaldo dos Santos, José de Figueiredo, José Maria Rodrigues, Ivo Castro, entre muitos outros, contam-se entre alguns dos que usufruíram da hospitalidade marítima. O poeta comparou a serenidade própria do lugar a um sanatório de almas, através de uma cura de *contemploterapia*. Grande parte da intensa correspondência que manteve com a *inteligentzia* do seu tempo

⁶ O modo como Lopes Vieira vivia a transição de Lisboa para S. Pedro de Moel ficou muito bem descrito no excerto *Do Jornal de um Poeta*, publicado no jornal *A Lucta*, de 20 de Agosto de 1909. Leia-se apenas o seguinte excerto, onde a paisagem e a casa-nau são impressionistas pinturas da relação do homem com o meio: “Chego de Lisboa à praia e à floresta. Que expansão de encanto na minha alma! Logo que aqui estou, o meu verdadeiro ser apossa-se de mim, e tenho a satisfação singular de me começar a sentir, com meus defeitos e virtudes. § Isto está delicioso de solidão e silencio. Não há ainda a vulgaridade. Com que prazer vesti o meu velho fato e as polainas de couro roçadas do mato! Nós, nas cidades, afogámos as almas também com os nossos colarinhos. [...] § Hontem, à chegada, a própria luz teve para mim encantos de coisa inédita. A primeira surpresa, à saída das cidades, é o crepúsculo. Há muitos mezes que eu não via anoitecer, e não via estrelas cuja intimidade é discreta e faz scismar. [...] § Só o mar, por enquanto, me inquieta, porque o oiço sempre... E a sua musica perturba-me como se eu habitasse dentro de um búzio.” (*apud* Nobre, 2005, II vol.: 386)

foi endereçada de S. Pedro de Moel, e contém variadas e profundas referências a este espaço mítico da sua criação poética⁷, como acontece na correspondência trocada com Leonor Rosa, em textos epistolares de excepcional qualidade, infelizmente ainda inéditos.

Assim, a Casa aparece metamorfoseada, ainda em vida de Lopes Vieira, não apenas como mais uma das suas criações, mas a criação suprema, o local genesiaco onde a oficina do escritor ganhou asas, e onde foi incrustando, ao longo dos anos, placas comemorativas do que julgava serem as suas melhores produções (por exemplo, o *Romance de Amadis*, em 1922 e *A Diana de Jorge de Montemor*, em 1942; o labor camoniano; o último livro de versos *Onde a terra se acaba e o mar começa*, de 1940), já para não mencionar os motivos marítimos com que decorou as janelas e a varanda, a ligação da capela ao mar, numa simbologia complexa da casa que entrelaça a natureza marítima com a História de Portugal, a merecer um estudo aprofundado que possibilite a leitura da Casa como elemento bibliográfico fundamental para entender a estesia de Lopes Vieira.

Se uma das linhas mestras da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com o maior rigor e fidelidade possível, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que Lopes Vieira habitava a casa e dispunha a orientação, dinâmica e enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura – objectivo que foi plenamente alcançado – não existem hoje ilusões sobre a impossibilidade de regressar ao *tempo perdido* apenas através da materialidade espacial. No entanto, a ideia de *peregrinações literárias* (Herbert, 2001: 312) nunca esteve tão em voga como nos nossos dias, e pode ser entendida como uma busca de diferentes formas de espiritualidade. Assim, o turismo cultural tem canalizado muita da procura turística cultural e intelectual para estes novíssimos *santuários literários*, ligados a um escritor e ao ambiente evocativo da sua obra. Os lugares literários deixam progressivamente de ser apenas acidentes históricos, lugares do nascimento, da criação artística ou da morte de um escritor, para passarem a construções sociais, criadas, amplificadas e promovidas para atrair visitantes.

A expectativa é a de que o *bem cultural*, no caso em apreço, literalmente uma herança de Lopes Vieira à edicidade da Marinha Grande, se transforme num *capital*

⁷ Veja-se nas referências bibliográficas, o livro Nobre 2001, com a edição da correspondência trocada com Artur Lobo de Campos, entre 1909 e 1945, onde a temática da casa, dos seus restauros e decoração, sobretudo exterior, é largamente tratada.

cultural, capaz de exercer os papéis de pólo cultural da região e, de acordo com a oferta do turismo cultural, libertar meios de financiamento que continuem, por sua vez, a permitir a conservação, renovação e vitalidade do património existente. Percebemos que esta é uma lógica de sustentação e de auto-financiamento cada vez mais inflexível e arrebatadora nas modernas sociedades de consumo cultural, e aceitamos que a Casa-Museu ALV, em S. Pedro de Moel, não possa fugir eternamente a este modelo, sob pena de também o actual projecto museológico se transformar num túnel sem luz, aniquilado pela sua própria busca de pureza essencialista, que já deu mostras de fracasso anteriormente e que se arrisca a fracassar novamente. Sem confundir a capitalização cultural de um local deste teor com uma mercantilização abusiva da herança patrimonial, que lesaria simultaneamente a memória do escritor-testamentário e a da população-herdeira – tarefa que deveria ser assegurada por um programa museológico⁸ e um grupo ou uma comissão científica, com capacidade e autoridade para propor e promover uma agenda de eventos culturais em relação com os propósitos e objectivos definidores da Casa-Museu ALV e os interesses das diversas comunidades – proponho-me analisar os dados existentes até ao momento, para delinear uma projecção capaz de assegurar o futuro, esse sim sustentado, deste núcleo museológico.

O que foi já feito, afinal, em direcção ao caminho enunciado do *bem cultural* transformado em *capital cultural*? Na verdade, pouca coisa... E no entanto tanta coisa, e de grande qualidade, se realizou durante estes breves dois anos de vida da Casa-Museu.

No Verão de 2005, as tertúlias dedicadas à vida e à obra do escritor-patrono reuniram intelectuais e académicos destacados como os professores Aníbal Pinto de Castro, José Carlos Seabra Pereira, Carlos Ascenso André e Cristina Nobre, o crítico António Valdemar ou Joana Varela, directora da revista *Colóquio/Letras*, e personalidades ligadas à intimidade do poeta como os seus dois afilhados mais próximos, Mestre Joaquim Correia e Sr.^a D. Helena Barradas. Estas tertúlias foram um convite a que a população, de forma informal, usufruísse da cultura do local e dos convidados, numa iniciativa rara no domínio das ofertas turísticas de praia em época balnear. Por gentil colaboração do engenheiro Adriano Monteiro, que cedeu uma parte do seu espólio de bibliófilo, esteve presente durante todo o Verão de 2005, uma

⁸ Ao programa museológico, que urge delinear, caberá a definição dos objectivos, vocação, eixos programáticos (tanto no que diz respeito à exposição como aos conteúdos) e áreas funcionais (tanto na cultura, como na educação ou na investigação, e ainda nos serviços) da Casa-Museu ALV. Este programa museológico será sempre da responsabilidade da Câmara, embora deva existir sintonia com o parecer da comissão científica.

exposição com uma selecção bibliográfica de primeiras edições de Afonso Lopes Vieira e alguns exemplares da imprensa da época com notícias e recortes sobre o escritor (exposição que se manteve durante todo o Verão de 2006). Durante o mês de Agosto, produziu-se ainda *in loco* um documento audio-visual, com uma entrevista feita por Cristina Nobre ao Mestre Joaquim Correia sobre a história da Casa e de alguns dos valiosos objectos que fazem parte do espólio de S. Pedro de Moel (documento de trabalho ainda não concluído, mas do qual se espera um produto informativo de qualidade, auxiliar fundamental no enriquecimento do conhecimento sobre a memória deste espaço e dos homens que o habitaram). Em Setembro, a Casa-Museu ALV foi visitada por um grupo de cerca de 50 estudantes de diversas nacionalidades, ligados ao IPL pelo programa Erasmus, numa visita guiada com tradução simultânea em inglês, contribuindo assim para um alargamento cultural internacional.

No Verão de 2006, outras tertúlias foram organizadas, desta feita com diversas temáticas, algumas delas em articulação com outras estruturas e instituições culturais da região, como a Casa-Museu Dr. João Soares, e o dinâmico grupo dos Serõrs Literários das Cortes, co-responsáveis pelo alargamento do âmbito de actuação cultural, incluindo-se o lançamento de livros de autores da região. A visita guiada dos estudantes/Erasmus estrangeiros voltou a fazer-se, com cerca de 40 estudantes, que levaram para os seus países a notícia e o espírito do local. Inaugurou-se em Julho uma exposição de fotografias inéditas de Afonso Lopes Vieira, sobre a intimidade familiar e algumas das suas paisagens preferenciais, e editou-se o catálogo da exposição, intitulada *Impressões do olhar. Exposição de fotografia de Afonso Lopes Vieira [2006]*⁹.

Visto seja de que prisma for, isto é, seguramente, imenso, apenas em dois verões e com o orçamento camarário a sustentar toda a estrutura de apoio, uma vez que as entradas na Casa-Museu ALV são livres e gratuitas, a formação feita a alguns monitores em Julho de 2005 por Cristina Nobre foi graciosa, e unicamente o catálogo da exposição de fotografia esteve disponível para venda. A fonte de receitas da Casa-Museu tem estado, pois, limitada à dotação orçamental da edilidade para a Cultura, dotação influenciada pela política cultural de cada um dos executivos que for passando pela tutela. No entanto, os dados recolhidos durante os dois anos de 2005 e 2006, e

⁹ A publicação deste catálogo, da responsabilidade da Câmara Municipal da Marinha Grande, coordenado por Catarina Carvalho, contou com a colaboração de Cristina Nobre, Helena Barradas, Joaquim Correia e Adriano Monteiro. No dia da inauguração, juntamente com o catálogo, foi distribuída uma cópia facsimilada do artigo da *Ilustração Portuguesa*, de 1909, “Photographia Moderna – com clichés inéditos do auctor”, sobre as experiências fotográficas de Afonso Lopes Vieira.

gentilmente cedidos pela Câmara Municipal da Marinha Grande¹⁰, no âmbito do tratamento estatístico dos núcleos museológicos, depois de analisados, permitem-me fazer algumas projecções promissoras para o futuro.

Reunimos numa tabela, a seguir incluída, as informações recolhidas em 2005 e 2006 na Casa-Museu ALV, em S. Pedro de Moel, com os seguintes itens: visitas diárias de portugueses; visitas diárias de estrangeiros; visitas totais de adultos; visitas totais de crianças; horário preferido (dia e hora); vendas de catálogos.

**TABELA DOS VISITANTES E HORÁRIOS PREFERENCIAIS DA
CASA-MUSEU AFONSO LOPES VIEIRA, em S. Pedro de Moel (2005 e 2006)**

MESES	VISITAS DIÁRIAS PORTUGUESES	VISITAS DIÁRIAS ESTRANGEIROS	TOTAL VISITAS	TOTAL VISITAS ADULTOS	TOTAL VISITAS CRIANÇAS	HORÁRIO PREFERIDO (<i>cliques</i>)	VENDAS de CATÁLOGO
JULHO 2005 (de 11 a 31)	729	83	812	666	146	Sábados e Domingos entre as 15h-18h	
AGOSTO 2005 (de 1a a 28)	1250	64	1314	1131	183	5.ªs feiras, Sábados e Domingos entre as 15h-18h	
SETEMBRO 2005 (só fins-de- semana e feriados)	369	16	385	342	43	entre as 15h-18h	
OUTUBRO 2005 (só fins-de- semana e feriados)	158	5	163	151	12	entre as 14,30h- 17,30h	
NOVEMBRO 2005 (só fins-de- semana e feriados)	101	12	113	93	20	Domingos entre as 14,30h- 16,30h	
JULHO 2006 (de 8 a 30)	864	29	893	793	100	3.ª, 4.ª e 5.ª feiras entre as 15h-18h	22
AGOSTO 2006 (de 1 a 31)	1010	51	1061	945	116	Dias da semana, Sábados e Domingos entre as 15h-18h	32
SETEMBRO 2006 (de 1 a 30)	621	13	634	564	70	Sábados e Domingos entre as 15h-18h	15

OBS.: As Visitas Diárias de Estrangeiros referem-se aos seguintes países: **Alemanha; Bélgica; Brasil; Canadá; Dinamarca; Espanha; EUA; Finlândia; França; Holanda; Inglaterra; Irlanda; Itália; Polónia.**

¹⁰ Estes dados foram obtidos com a colaboração da Dr.ª Catarina Carvalho, responsável pela Casa-Museu ALV, a quem agradecemos pessoalmente toda a disponibilidade manifestada desde o início para o tema desta comunicação, assim como as importantes correcções que as suas observações permitiram incluir na redacção do texto final.

A análise dos números evidencia que o mês de Agosto é o mês com mais afluência de visitantes (1314 pessoas em 2005 e 1061 em 2006), e que o mês de Setembro quase duplicou o número de visitas de 2005 (385) para 2006 (634), o que o transforma num mês com imensas potencialidades para a realização de eventos culturais. O mês de Julho aumentou ligeiramente a afluência de visitantes (de 812 visitantes em 2005, para 893 em 2006). A menor afluência de visitantes em Outubro e Novembro de 2005 (respectivamente 151 e 93 visitantes), em que o horário da Casa-Museu se limitou aos fins-de-semana e feriados, não parece ser suficiente para justificar a decisão de não abrir a estrutura durante o período não estival, pois a comparação percentual com os meses de Verão, em que se encontrava aberta todos os dias, apenas encerrando às 2.ªs feiras, indica que a afluência de visitantes se manteve. Pelo contrário, indicia a vantagem clara da abertura diária do espaço, mesmo durante o Inverno, o que se irá verificar já este Outono e Inverno, com o horário de funcionamento entre as 13h e as 18h, e encerramento às 2.ª feiras. Além disso, a possibilidade de visitas excepcionais puderem ser realizadas através de marcação prévia, pode sempre contribuir para alargar este número, sem grande investimento por parte da instituição, uma vez que a estrutura de apoio e de logística da visita guiada se encontra já a funcionar em pleno¹¹.

O número total de visitas efectuadas por crianças é uma revelação importante, que abre perspectivas direccionadas para vertentes educativas, pedagógicas, didácticas e lúdicas a não desperdiçar. Assim, comparando a percentagem de adultos e a de crianças, verifica-se que esta oscila, para todos os meses em análise, entre os 10% e os 20% do total de adultos visitantes. Uma vez que os dados que possuímos são apenas numéricos, e não há inquéritos sobre os motivos destas visitas, é difícil adivinhar as motivações das crianças, que podem fundamentar-se apenas no simples acompanhamento dos pais ou tutores adultos. No entanto, a presença significativa deste grupo etário justificaria, por si só, que o projecto de intervenção cultural da Casa-Museu ALV incluísse um programa especificamente destinado a esta faixa etária, no cumprimento de uma função educativa e cultural estruturante de base, com potencialidades identificáveis junto das instituições educativas e nas áreas de desenvolvimento pessoal, social e cultural da infância. A delinear-se um programa específico para a infância, este deveria ser pensado em clara

¹¹ É preciso não esquecer que, durante o Verão, as visitas guiadas são asseguradas por jovens colocados ao abrigo do POC, que não possuem, na esmagadora maioria, nenhuma formação sobre este espaço museológico. Seria necessário investir na formação específica destes elementos, que constituem uma mais-valia fundamental para a qualificação dos serviços prestados, como aconteceu, por ex., na visita guiada com grande qualidade pela funcionária Carmen, no dia 2 de Setembro de 2006, com os estudantes estrangeiros do programa Erasmus do IPL.

articulação com a estrutura da Colónia Balnear, aproveitando sinergias existentes e procurando rentabilizar as ofertas culturais a oferecer.

Os dados analisados estavam também categorizados por escalões etários entre os adultos – até 20 anos; de 21 a 40 anos; de 41 a 60 anos; mais de 61 anos – e embora não tenham sido acompanhados por inquéritos qualitativos quanto às motivações dos visitantes (o que daria seguramente uma combinação analiticamente mais produtiva), são suficientes para concluir que as faixas etárias dos 21 aos 40 e dos 41 aos 60 anos estão entre as que contribuem com mais visitantes¹². Trata-se do escalão onde encontramos mais pessoas activas e com maior mobilidade, o que pode justificar o afluxo. Seria necessário cruzar estes dados com outros, como as habilitações, as áreas de emprego, o nível económico, a ocupação dos tempos livres, entre outros, para pudermos atribuir significados concludentes. No entanto, a presença de grupos assinaláveis de maiores de 61 anos, por exemplo, durante o mês de Julho de 2005 e de 2006, pode ser um indicador de uma área de trabalho a explorar, com grupos da terceira idade e com instituições ligadas à geriatria, já que o delinear de um programa cultural especificamente destinado a idosos, com sessões desdobradas de formação sobre o escritor e a obra literária, a casa e a capela enquanto espaços museológicos, a ligação a diversas memórias e contextualizações históricas, é passível de uma concretização a curto prazo, atribuindo à Casa-Museu uma função social importantíssima na área de formação ao longo da vida, especificamente direccionada para a terceira idade.

Quanto ao horário preferido, a aglomeração dos visitantes durante a parte da tarde poderá sugerir a hipótese de uma abertura ao público em horário mais reduzido, sem com isso prejudicar substancialmente a afluência ao espaço museológico. Talvez fosse até possível delinear um projecto em que o horário da manhã ficaria apenas disponível para as visitas guiadas de escolas e outras organizações grupais, destinando-se algumas manhãs ao cumprimento do programa das actividades culturais para a infância.

As visitas diárias de visitantes estrangeiros constituem um item muito importante, pois permitem pensar a divulgação internacional deste espaço e projectar a constituição de protocolos com espaços museológicos internacionais de idêntico teor, partilhando assim projectos culturais e educativos para além das fronteiras geográficas. Na verdade, a percentagem de estrangeiros pauta-se entre os 2% e os 10% em relação às visitas de

¹² Embora para o item dos visitantes estrangeiros idêntico tratamento dos dados tenha sido efectuado, a fraca incidência dos números foi considerada insuficiente para análise, e por isso foi deixada de lado nesta análise.

portugueses, com maior incidência nos meses de Verão¹³. Além disso, os 14 países representados – Alemanha; Bélgica; Brasil; Canadá; Dinamarca; Espanha; EUA; Finlândia; França; Holanda; Inglaterra; Irlanda; Itália; Polónia – evidenciam possibilidades muito diversas de colaboração e intercâmbio, embora o predomínio de franceses, espanhóis e ingleses justifique que as primeiras abordagens nesta área sejam feitas com estruturas europeias mais próximas.

Quanto ao item da venda de catálogos da exposição fotográfica *Impressões do olhar*, tendo em consideração que foi feita uma tiragem de 500 exemplares (dos quais 200 se destinaram a ofertas, ficando 300 para vendas), o número de vendas não é de desprezar, pois representa já 23 % da edição, e deve fazer equacionar a questão da eventual comercialização de bibliografia relacionada com ou relativa à Casa-Museu ALV. Até ao momento apenas o folheto artesanal do *Roteiro da Exposição*, com textos de Cristina Nobre, distribuído graciosamente aquando da inauguração, foi especificamente pensado para este espaço museológico, encontrando-se actualmente esgotado. Sente-se, claramente, a necessidade de uma monografia sobre a Casa-Museu ALV¹⁴, ou, pelo menos, e com uma urgência premente, de um catálogo completo que inventarie, classifique e estabeleça redes de ligação com o espólio deste núcleo museológico – tesouro patrimonial em grande parte ainda desconhecido porque ignorado – que continua à espera de um estudo rigoroso de registo e avaliação.

Ainda que incipiente, esta análise autoriza-me a tirar algumas conclusões animadoras para o futuro da Casa-Museu ALV; a fazer algumas previsões temerárias; e a desejar a maior prudência e bom senso com os desígnios futuros deste *capital cultural*.

Os dois anos analisados justificam um clima de optimismo sobre o papel cultural desempenhado até ao momento actual e as potencialidades de se desenvolverem, no futuro, novas vertentes de actividades de interesse social e cultural para as comunidades locais e as globais. Ainda que a transformação passe por uma ligação às ofertas do turismo cultural, de modo a permitir uma fonte de financiamento que parta da consolidação da estabilidade presente para projectos futuros mais ambiciosos, entre os quais se poderão contar alguns dos aqui sugeridos – o futuro aparece delineado de forma

¹³ Deve notar-se que as duas visitas mencionadas dos estudantes ao abrigo do programa Erasmus, durante o mês de Setembro de 2005 e de 2006, não se encontram contabilizadas nos registos camarários, uma vez que foram consideradas visitas excepcionais.

¹⁴ Não por falsa modéstia, mas por não me parecer que as minhas obras de 2001, 2003, 2004 e 2005, mencionadas nas referências bibliográficas, correspondam exactamente à área metodológica de interesse museológico da Casa-Museu ALV, não referimos esta bibliografia produzida recentemente sobre Afonso Lopes Vieira.

auspiciosa¹⁵. Sem este projecto de um crescimento sustentado, a Casa-Museu ALV arrisca-se, em minha opinião, a soçobrar no pó dum espólio riquíssimo, mas que a ignorância e a falta de tratamento e de meios impedem de ser activamente colocado ao serviço da memória e da cultura comunitária, como património capaz de despertar sentimentos identitários. Tudo isto requer uma prudência maior que a dos desejos humanos de poder e afirmação, e um bom senso capaz de distinguir práticas turísticas enriquecedoras do património cultural de turismo desgastante, consumista e descartável, mancha e ruína de uma clara afirmação das identidades culturais.

Com o justo peso destas palavras, desejo, intensamente, que a Casa de Afonso Lopes Vieira – o homem que nela viveu intensos momentos de criação artística, a sua literatura, o mar e o pinhal que amou – possa continuar a ser dos nossos melhores bens culturais, estimada ainda quando transformada em capital cultural, por acção das boas práticas de um turismo cultural responsável e íntegro e de ofertas de serviços de qualidade. Uma boa capacidade de programação e dinamização da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira poderá transformá-la, num futuro próximo, num importante pólo turístico-cultural da região. O avançado e eclético homem de cultura que foi Afonso Lopes Vieira concordaria com esta perspectiva: sem vida cultural projectada no presente e direccionada para o futuro, com ofertas culturais e educativas de qualidade, mesmo os espaços repletos de memória podem entrar em decadência acelerada. Mudam-se os tempos e é preciso ter coragem para mudar as vontades; só assim a memória do passado chegará ao futuro intacta, isto é, com capacidade para gerar novas vidas no complexo processo cultural sem o qual não há humanidade.

¹⁵ Não havendo nenhum estudo nesse sentido, parto do princípio optimista que, por exemplo, a cobrança de ingresso não afectaria substancialmente o fluxo de visitantes, e que algum *merchandising* poderia ser pensado e vendido para garantir algumas receitas próprias da Casa-Museu ALV. Apesar de os museus não poderem ter fins lucrativos, têm enormes preocupações com a sua sustentabilidade financeira, e devem cada vez mais procurar receitas que permitam custear a sua própria actividade cultural.

Fontes:

Dados estatísticos recolhidos pela Câmara Municipal da Marinha Grande relativos às Visitas Diárias à Casa-Museu Afonso Lopes Vieira, em S. Pedro de Moel, durante os meses de Julho, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro de 2005 e Julho, Agosto e Setembro de 2006. [doc. camarária, gentilmente cedida pela C.M. da Marinha Grande]

Referências Bibliográficas:

ANDRÉ, Carlos Ascenso (1995) "Terra de Poetas: Leiria e a Literatura de outrora" in *II Colóquio sobre História de Leiria e da sua Região. Actas. I vol.*, Câm. Mun. de Leiria, Leiria, pp. 17-38.

Festival de São Pedro, 12 de Agosto de 1961, com o patrocínio da Câmara Municipal da Marinha Grande e da Fundação Calouste Gulbenkian.

II Festival de São Pedro de Moel, 13 de Agosto de 1966, com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal da Marinha Grande.

GONÇALVES, Alexandra Rodrigues (2003) *A componente cultural do Turismo Urbano como oferta complementar ao produto "sol e praia". O caso de faro e Silves*, ed. GEPE e IFT, Lisboa.

HERBERT, David (2001) *Literary Places, Tourism and the heritage experience* in *Annuals of Tourism Research*, vol. 28, n.º 2, pp. 312-333.

NOBRE, Cristina (2001) edição de: *... um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência de Afonso Lopes Vieira para Artur Lobo de Campos (1909-1945)*, Câmara Municipal de Leiria, ed. Magno, Leiria.

____ (2003) *Passeio Sentimental de Afonso Lopes Vieira*, Rota dos Escritores do século XX, Câmaras Municipais de Leiria e Marinha Grande, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.

____ (2003a) "Os Lugares da Escrita em Afonso Lopes Vieira" in *Lugares da Escrita. 22 Novembro 2003 / 22 Janeiro 2004*, Catálogo da Exposição da Rota dos Escritores do Séc. XX, Pavilhão Centro de Portugal, Coimbra, pp. 19-23.

____ (2003b) "Afonso Lopes Vieira: o esteta assumido" in *Afonso Lopes Vieira. In Memoriam*, Roteiro da exposição "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", pela Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Junho, pp. 3-12.

____ (2003c) "Afonso Lopes Vieira. A Obra Publicada (Em livro e dispersa)" in Roteiro da exposição bibliográfica sobre Afonso Lopes Vieira — "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", pela Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Outubro, pp. 3-32.

____ (2004) *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira*, Roteiro Cultural, Região de Turismo Leiria-Fátima, Leiria, sd. [2004].

____ (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, col. temas portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2005.

____ (2005a) "O esteta de si-mesmo. Afonso Lopes Vieira" in *Revista Clube do Coleccionador*, CTT Correios de Portugal, Lisboa, Junho 2005, pp. 4-6.

PINTO, A. Arala (1938-39) *O Pinhal do Rei. Subsídios*, vols. I e II, Alcobaça.

PRISTA, Luís (1992) "5. Afonso Lopes Vieira" in *Para a edição do Guia de Portugal*, Fac. de Letras da Un. de Lx., dissertação de mestrado, pol., pp. 143-69.

RICHARDS, Greg (2001) *The development of Cultural Tourism in Europe*, CAB International 2001. Cultural Attractions and European Tourism.

____ (2004) *Nuevos caminos para el turismo cultural?*, Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS), Observatório Interarts, Barcelona.

VIEIRA, Afonso Lopes (1927), "*MOSTEIRO DE ALCOBAÇA*" e "*PINHAL DE LEIRIA E S. PEDRO DE MOEL*" in *Guia de Portugal. 2.º vol. Estremadura, Alentejo, Algarve*, "Bib. Nac. de Lisboa", Lx., pp. 612-26 e 648-52.

____ (1942), [NDG] *NOVA DEMANDA DO GRAAL*, Liv. Bertrand, Lx.

____ (1944) "*O MONUMENTO DE FRANCISCO RODRIGUES LÔBO*" e "*LÁPIDA CAMONEANA*" in *Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria. 23 a 26 de Setembro de 1943*, Obra subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura, Lx., pp. 38-40.